A evolução do pensamento e da linguagem segundo Vygotsky

Silvia Helena Ferreira Fortes Bassi

Resumo

Neste artigo, mostramos a abordagem de Vygotsky sobre a relação pensamento e linguagem. Ele revela a importância dessa inter-relação para o desenvolvimento e para a aprendizagem e focaliza a questão da fala interior. Sua abordagem faz uma investigação histórica do pensamento e da linguagem, chegando à conclusão de que pensamento e linguagem são a principal fonte da consciência humana e que um depende do outro.

Palavras-chave: linguagem; pensamento; pré-escolar; aprendizagem; desenvolvimento.

INTRODUÇÃO

Vygotsky, importante teórico soviético, iniciou, em meados dos anos 20, o estudo sobre a Psicologia, buscando uma alternativa dentro do materialismo dialético para o conflito entre as concepções idealista e mecanicista da época. Sua abordagem é chamada sócio-histórica. Vygotsky e seus colaboradores, centrados numa temática pertencente à Psicologia cognitiva (percepção, memória, atenção, solução de problemas, fala, atividade motora), estudaram desde processos neuro-fisiológicos até relação entre o funcionamento intelectual e a cultura da qual os indivíduos fazem parte, trabalhando intensamente não só com temas de psicologia do desenvolvimento, mas também com as relações entre linguagem e pensamento, natureza do processo de desenvolvimento da criança e o papel da instrução no desenvolvimento. A concepção vygostkiana sobre o desenvolvimento é também uma teoria da educação. (BRUNER apud VIGOTSKI, 1996).[1]

1. O nome do autor Vygotsky aparece grafado de formas diferentes uma vez que deve seguir a grafia da editora quando se trata de citação. A autora do artigo em questão adota a grafia Vygotsky.

Conforme Bruner aponta, na obra *Pensamento e Linguagem*, Vygotsky mostra "em que sentido que ele acredita que quando dominamos a natureza, dominamos a nós mesmos". Pois,

> é a interiorização da ação manifesta que faz o pensamento, e, particularmente, é a interiorização do diálogo exterior que leva o poderoso instrumento da linguagem a exercer influência sobre o fluxo do pensamento (VIGOTSKI, 1996, p. 8).

A linguagem, através de um processo de interiorização, converte-se em um instrumento preciso para o controle do comportamento, exercendo a função de reguladora do comportamento.

Para Vygotsky, e para muitos outros, a linguagem é um dos instrumentos básicos mais importantes, produzidos pelo homem; através da qual o homem pode apropriar-se da experiência social, desenvolvendo seu comportamento, enriquecendo-se e aprimorando-se. Vygotsky vê o desenvolvimento humano a partir do desenvolvimento cognitivo do indivíduo, de suas trocas e interações sociais com o meio. Através da aprendizagem que a criança obtém da língua dos adultos, através das perguntas que faz, das respostas que recebe e do adestramento que lhe é dado pelos adultos, ela adquire uma determinada gama de hábitos que irão conduzir suas ações. A aprendizagem e o desenvolvimento, juntamente com a linguagem, coexistem desde os primeiros dias da vida da criança. (VYGOTSKY, 1991). A aprendizagem deve ser considerada como um fator de desenvolvimento; pois, a partir de um desenvolvimento, gera-se uma aprendizagem e, conseqüentemente, novo desenvolvimento, e, assim, tem-se sucessivamente a relação desenvolvimento – aprendizagem – desenvolvimento.

Na abordagem de Vygotsky, existe uma inter-relação entre pensamento e linguagem; porém, pensamento e fala não são uma mesma coisa (VYGOTSKY apud SIRGADO, 1990).

A abordagem de Vygotsky

Para se estudar o pensamento e a linguagem através da visão psicológica, é importante que se tenha uma clara compreensão das relações interfuncionais. É necessário compreensão da inter-relação de pensamento e palavra. Vygotsky (1998) avança nos estudos das relações interfuncionais, buscando uma abordagem que possibilitasse a descrição e a explicação das funções psicológicas superiores.

BASSI, Silvia Helena Ferreira Fortes. A evolução do pensamento e da linguagem segundo Vygotsky. *Mimesis*, Bauru, v. 24, n. 2, p. 71-87, 2003.

Realmente, o estudioso focalizou como problema central de seus estudos a inter-relação pensamento e linguagem, dando uma abordagem diferente a essa questão, desenvolvendo um método de análise em unidades, no qual a unidade do pensamento verbal concentra-se no significado da palavra. É no significado da palavra que o pensamento e a fala se unem em pensamento verbal.

A palavra não faz referência a um objeto isolado, mas sim a um grupo ou classe de objetos, sendo, desta forma, uma generalização. A generalização é um ato verbal do pensamento e, conseqüentemente, o significado é um ato de pensamento, no sentido pleno do termo. Porém, o significado é parte inalienável da palavra como tal, e, dessa forma, pertence tanto ao domínio da linguagem como ao domínio do pensamento. Uma palavra sem significado é um som vazio, que já não faz parte da fala humana.

É pelo fato de o significado da palavra ser, ao mesmo tempo, pensamento e fala, que se concentra nele a unidade do pensamento verbal e, sendo assim, utiliza-se a análise semântica como método para o estudo das inter-relações pensamento e linguagem. Com a análise semântica, tem-se o estudo do desenvolvimento, do funcionamento e da estrutura das unidades em que pensamento e fala estão inter-relacionados.

> Vygotsky vê, também, como função primordial da fala a comunicação, o intercâmbio social. Na ausência de um sistema de signos, lingüísticos ou não, somente o tipo de comunicação mais primitivo e limitado torna-se possível… A transmissão racional e intencional de experiência e pensamento a outros requer um sistema mediador, cujo protótipo é a fala humana, oriunda da necessidade de intercâmbio durante o trabalho (VIGOTSKI, 1996, p. 5).

A linguagem origina-se primeiramente como meio de comunicação entre a criança e as pessoas com as quais ela convive. Posteriormente, quando essa linguagem comunicativa converte-se em linguagem interna, transforma-se em função mental interna, fornecendo, assim, os meios fundamentais ao pensamento da criança, levando-a à aprendizagem.

Para que fosse possível a conclusão de que a verdadeira comunicação requer significado, ou mais que isso, requer generalização, tanto quanto signos, foram necessários estudos mais profundos do desenvolvimento da compressão e da comunicação na infância. Vygotsky refere que, segundo a descrição de Edward Sapir, o mundo da experiência precisa ser extremamente simplificado e generalizado antes que possa ser traduzido em símbolos, pois é desta forma que a comunicação torna-se possível, uma vez que a experiên-

cia do indivíduo encontra-se apenas em sua própria consciência e para tornar-se comunicável deve ser incluída em uma categoria, que é considerada uma unidade.

> As formas mais elevadas da comunicação humana somente são possíveis porque o pensamento do homem reflete uma realidade conceitualizada; é por este motivo que alguns pensamentos não podem ser comunicados às crianças, mesmo que elas estejam familiarizadas com as palavras necessárias, pois pode ainda estar faltando a estas crianças o conceito adequadamente generalizado que, por si só, assegura o pleno entendimento. (VIGOTSKY, 1996, p. 5).

As fases no desenvolvimento das relações fala-pensamento, de acordo com Vigotski (1996), podem ser sintetizadas de uma maneira simples. Em princípio os aspectos motores e verbais do comportamento estão entremeados. A fala envolve os elementos referenciais, a conversação orientada pelo objeto, as expressões emocionais e outros tipos de fala social. Pelo fato de a criança estar cercada pelos adultos, a fala começa, cada vez mais, a adquirir traços demonstrativos, o que permite que a criança indique o que está fazendo e quais são as suas necessidades. Após algum tempo, a criança, fazendo distinções para os outros com o auxílio da fala, começa, internamente, a fazer distinções para si mesma. Desta forma, a fala deixa de ser apenas um meio para dirigir o comportamento dos outros e começa a desempenhar a função de auto-direção. Pode-se notar, assim, a ênfase na inter-relação do pensamento com a linguagem. Vygotsky (1998) coloca que a capacitação especificamente humana para a linguagem habilita as crianças a providenciarem instrumentos auxiliares na solução de tarefas difíceis, a superar a ação impulsiva, a planejar uma solução para um problema antes de sua execução e a controlar seu próprio comportamento. Signos e palavras constituem para as crianças, primeiro e acima de tudo, um meio de contato social com outras pessoas. As funções cognitivas e comunicativas da linguagem tornam-se, então, a base de uma forma nova e superior de atividade nas crianças, distinguindo-as dos animais.

O método de análise baseado em unidades, que é característico desta abordagem, trata do estudo genético do pensamento e da fala. E este estudo revela que a relação entre pensamento e linguagem é marcada por várias mudanças; que o progresso da fala não é paralelo ao progresso do pensamento, e que as curvas do crescimento de ambos cruzam-se muitas vezes, podendo atingir o mesmo ponto ou correr paralelamente. Isso se aplica tanto à filogenia quanto à ontogenia.

BASSI, Silvia Helena Ferreira Fortes. A evolução do pensamento e da linguagem segundo Vygotsky. *Mimesis*, Bauru, v. 24, n. 2, p. 71-87, 2003.

Nos animais, a fala e o pensamento têm origens diferentes e seguem cursos também diferentes em seu desenvolvimento. Assim, referindo-se às experiências de Köehler, que provaram que o aparecimento do pensamento nos animais não está relacionado com a fala, Vigotski diz que as *"invenções*" dos chimpanzés de Köehler pertencem a uma fase pré-lingüística da evolução do pensamento. As formas de "*comunicação lingüística*" entre os chimpanzés, como manifestações afetivas (expressões faciais, gestos e vocalização), os movimentos relacionados às emoções sociais (gestos amistosos), são gestos diretamente relacionados à própria ação. As observações de Köehler confirmariam as opiniões de Wundt de que os gestos de apontar (o primeiro estágio de desenvolvimento da fala humana) ainda não aparecem nos animais, mas alguns gestos dos macacos constituem uma forma de transição entre os gestos de agarrar e de apontar. Para Vygotsky, essa transição tem muita importância em relação à expressão afetiva pura direcionando-se à linguagem objetiva. Vigotski (1996) comenta também os experimentos de Yerkes, que mostram que os antropóides não possuem nada que seja semelhante à fala humana. Yerkes questiona o porquê de os chimpanzés serem incapacitados de falar, já que possuem o aparelho fonador e a gama de sons necessários e atribui essa incapacidade à dificuldade de imitar sons. Porém, para Vygotsky, a linguagem não depende necessariamente do som, uma vez que se constata a existência da linguagem dos surdos-mudos e a leitura dos lábios, que é interpretação dos movimentos. Ausência de operação mental que desenvolve a fala pode ser a principal diferença entre o intelecto humano e o intelecto do chimpanzé.

Baseando-se nas pesquisas feitas com macacos antropóides sobre a linguagem e o intelecto, Vigotski (1996) procura elucidar a relação entre pensamento e linguagem no desenvolvimento filogenético dessas funções, e conclui que: o pensamento e a fala têm raízes genéticas diferentes, que pensamento e fala se desenvolvem ao longo de trajetórias diferentes e independentes; que não há qualquer relação clara e constante entre pensamento e fala; que os antropóides apresentam um intelecto parecido com o do homem, *em certos aspectos* (o uso embrionário de instrumentos), e uma linguagem bastante semelhante à do homem, *em aspectos totalmente diferentes* (o aspecto fonético de sua fala, sua função de descarga emocional, o início de uma função social); que a estreita correspondência entre o pensamento e a fala (característica do homem), não existe nos antropóides e que na filogenia do pensamento e da fala é possível distinguir-se, de uma maneira muito clara, uma fase pré-lingüística no desenvolvimento do pensamento e uma fase pré-intelectual no desenvolvimento da fala.

Ontogeneticamente também se pode distinguir duas linhas separadas, derivadas de duas raízes genéticas diferentes, em se tratando da relação entre o desenvolvimento do pensamento e o da fala.

Köehler modificou, adequou suas experiências com chimpanzés a crianças que ainda não haviam aprendido a falar; Buehler também realizou estudo sistemático de uma criança; e perceberam que o que é teoricamente mais importante nesses experimentos, assim como nos dos chimpanzés, é a descoberta da independência das relações intelectuais rudimentares em relação à fala.

Buehler (apud VIGOTSKI, 1996, p. 37) comenta:

> Costumava-se dizer que a fala era o princípio da hominização (Menschwerden); talvez sim, mas antes da fala há o pensamento associado à utilização de instrumentos, isto é, a compreensão das relações mecânicas, e a criação de meios mecânicos para fins mecânicos; ou, em resumo, antes do aparecimento da fala a ação se torna subjetivamente significativa – em outras palavras, conscientemente intencional.

Há muito tempo tem-se conhecimento das raízes pré-intelectuais da fala no desenvolvimento da criança. O balbucio, o choro e mesmo as primeiras palavras da criança são estágios do desenvolvimento da fala que geralmente tem sido considerados uma forma de comportamento predominantemente emocional; porém, pesquisas mostram que nem todas apresentam somente uma descarga emocional. Estudos realizados por Charlotte Buehler e seus colaboradores mostraram que a função social da fala já aparece no primeiro ano, ou seja, na fase pré-intelectual do desenvolvimento da fala. Esses estudiosos observaram que as risadas, os sons inarticulados e os movimentos são meios de contato social a partir dos primeiros meses de vida da criança (VIGOTSKI, 1996). Portanto, as duas funções da fala observadas no desenvolvimento filogenético já são evidentes antes do primeiro ano de vida.

Com todos esses estudos, descobriu-se que a partir de um certo momento, por volta dos dois anos de idade da criança, as curvas de evolução do pensamento e da fala, que eram separadas, encontram-se e se unem, iniciando uma nova forma de comportamento. Essa fase é extremamente importante; é aí que a criança sente vontade de dominar a linguagem, pois nesta fase ela descobre que cada coisa tem seu nome e essa descoberta é senão a principal, uma das mais importantes de sua vida.

Vigotski (1996) refere que esse momento extremamente importante, no qual a fala começa a servir ao intelecto, e assim os pen-

BASSI, Silvia Helena Ferreira Fortes. A evolução do pensamento e da linguagem segundo Vygotsky. *Mimesis*, Bauru, v. 24, n. 2, p. 71-87, 2003.

samentos passam a ser verbalizados, é marcado por dois sintomas objetivos; sendo o primeiro, a curiosidade ativa e repentina da criança pelas palavras, suas perguntas sobre as coisas novas, e, o segundo, a conseqüente ampliação de seu vocabulário, que se dá rapidamente. Antes dessa fase, a criança tinha conhecimento apenas das palavras que aprendia com as outras pessoas, a partir dessa nova descoberta, a criança começa a questionar, sentindo necessidade das palavras, e, fazendo perguntas, tenta aprender os signos vinculados aos objetos. Assim, parece ter descoberto a função simbólica das palavras, e sua fala, que de afetivo-conativa, passa a ser intelectual. É quando as linhas do desenvolvimento da fala e do pensamento se encontram. Isso só é possível quando a criança já atingiu um nível relativamente elevado do desenvolvimento do pensamento e da fala; portanto, a fala não pode ser descoberta sem o pensamento.

Pode-se, então, dizer que, ontogeneticamente, o pensamento e a fala têm raízes diferentes, que o desenvolvimento da fala da criança apresenta um estágio pré-intelectual e o desenvolvimento do seu pensamento apresenta um estágio pré-lingüístico e que, a partir de um dado momento, quando essas linhas de desenvolvimento se encontram, o pensamento torna-se verbal e a fala torna-se racional (VIGOTSKI, 1996).

Uma vez que o pensamento torna-se verbal e a fala torna-se racional, será que podemos dizer que é a partir daí que surge a fala para si, ou fala interior?

Para Vigotski (1996), a fala interior deve ser extremamente estudada, qualquer que seja a abordagem adotada para o problema da relação entre o pensamento e a fala. Existiam psicólogos, como por exemplo Watson, que identificavam a fala interior com o pensamento, considerando-a uma fala inibida e silenciosa. Porém, a Psicologia, até então, não sabia como se dava a passagem da fala aberta para a interior e nem em que idade, por qual processo e por que ocorria.

Vigotski (1996) diz que seus estudos acerca do sussurro em crianças pequenas mostram que, no tocante à estrutura, quase não há diferença entre sussurrar e falar alto; no que diz respeito à função, o sussurro difere em muito da fala interior e não manifesta uma tendência para assumir as características típicas da mesma. Também não se desenvolve espontaneamente até a idade escolar, "embora possa ser induzido muito cedo: sob pressão social, uma criança de três anos pode, por períodos curtos e com muito esforço, abaixar a voz ou sussurrar" (VIGOTSKI, 1996, p. 39). Para definir o que é a fala interior, é preciso encontrar um elo intermediário entre a fala aberta e a fala interior. Para Vygotsky, esse elo está na fala egocên-

trica da criança, descrita por Piaget, que tem o papel de acompanhar a atividade da criança; tem sua função de descarga emocional e também assume uma função planejadora, transformando-se no pensamento propriamente dito. Ainda para Vygotsky, se sua própria hipótese estiver realmente correta, pode-se concluir que a fala é interiorizada psicologicamente antes de ser interiorizada fisicamente.

Vigotski (1996, p. 39) diz que a fala egocêntrica é a fala interior (no que se relaciona às suas funções); está intimamente ligada à organização do comportamento da criança; é parcialmente incompreensível para outras pessoas; porém explícita em sua forma e não apresentando nenhuma tendência para se transformar em sussurro. A fala se interioriza porque sua função muda.

As investigações de Vygotsky (Id) mostram que o desenvolvimento da fala segue o mesmo caminho e obedece às mesmas leis que o desenvolvimento de todas as outras operações mentais que se utilizam de signos, como, por exemplo, o ato de contar; e que essas operações passam normalmente por quatro estágios: 1º estágio natural ou primitivo, correspondendo à fala pré-intelectual e ao pensamento pré-verbal; 2º estágio chamado de "*psicologia ingênua*", onde o primeiro exercício da inteligência prática está brotando na criança. Esse estágio está muito bem definido no desenvolvimento da fala da criança, quando se dá o uso correto de formas e estruturas gramaticais antes que a criança tenha entendido as operações lógicas que representam; a criança domina a sintaxe da fala antes da sintaxe do pensamento. O 3º estágio surge a partir da acumulação da experiência psicológica ingênua, e caracteriza-se por signos exteriores, operações externas que são usadas como auxiliares na solução de problemas internos (por exemplo, quando a criança conta com os dedos). No desenvolvimento da fala, esse estágio se caracteriza pela fala egocêntrica. O 4º estágio, chamado de "*crescimento interior*", as operações externas se interiorizam e passam por uma profunda mudança no processo (por exemplo, a criança começa a contar mentalmente). Em relação ao desenvolvimento da fala, este é o estágio final da fala interior.

Vigotski (1996, p. 41) refere que

> esquematicamente, podemos imaginar o pensamento e fala como dois círculos que se cruzam. Nas partes que coincidem, o pensamento e a fala se unem para produzir o que se chama de pensamento verbal. O pensamento verbal, entretanto, não abrange de modo algum todas as formas de pensamento e fala. Há uma vasta área do pensamento que não mantém relação direta com a fala. O pensamento manifestado no uso de instrumentos pertence a essa área, da mesma forma que o intelecto prático em geral…

Portanto, a fusão de pensamento e fala, tanto nos adultos como nas crianças, é um fenômeno limitado a uma determinada área; a uma área circunscrita. O pensamento não-verbal (aquele que funciona sem imagens verbais) e a fala não-intelectual (quando um indivíduo recita silenciosamente uma poesia aprendida de cor) não participam dessa fusão e só indiretamente são afetados pelos processos do pensamento verbal (VIGOTSKI, 1996, p. 41).

Segundo Vigotski (1996), os dados sobre a linguagem infantil (confirmados por dados antropológicos) indicam que, por um longo tempo, a palavra representa para a criança uma propriedade do objeto, e não apenas um símbolo deste; que a criança capta a estrutura externa palavra-objeto mais cedo do que a estrutura simbólica interna. Vygotsky escolhe essa hipótese porque acha difícil acreditar, a partir dos dados disponíveis, que uma criança de dezoito meses a dois anos seja capaz de descobrir a função simbólica da fala. Para Vigotski (1996, p. 43), este fato ocorre mais tarde e de forma gradual, através de várias mudanças "*moleculares*". Diz ainda que, mesmo para uma criança em idade escolar, o uso funcional de um novo signo não se dá repentinamente, mas é precedido por um período de domínio da estrutura externa do signo; pois somente associando as palavras que primeiro foram concebidas como propriedades dos objetos é que a criança consegue descobrir e consolidar a função destas como signos.

É necessário compreender-se claramente a natureza psicológica da fala interior para que se possa compreender a relação entre o pensamento e a palavra em toda a sua complexidade. A fala interior é a fala para si mesmo; a fala interioriza-se em pensamento e apresenta uma sintaxe especial, havendo um predomínio da predicação, um predomínio do sentido sobre o significado, da frase sobre a palavra e do contexto sobre a frase. A fala interior é uma função em si própria; é pensamento ligado por palavras, as quais desaparecem à medida que geram o pensamento.

A conclusão a que chega Vygotsky em relação à fala interior é que ela se desenvolve mediante um acúmulo de mudanças estruturais e funcionais, que ocorrem lentamente; que a fala interior se separa da fala exterior das crianças ao mesmo tempo que ocorre a diferenciação das funções social e egocêntrica da fala e que as estruturas da fala dominadas pela criança tornam-se estruturas básicas de seu pensamento. Com base nessas conclusões, Vigotski (1996, p. 44) também coloca que o desenvolvimento do pensamento humano é determinado pela linguagem; pelos instrumentos lingüísticos do pensamento e pela experiência sócio-cultural da criança. É em função da linguagem e do domínio dos meios sociais do pensamen-

to que se dá o crescimento intelectual da criança. O desenvolvimento parte do biológico para o sócio-histórico.

> O pensamento verbal não é uma forma de comportamento natural e inata, mas é determinado por um processo histórico-cultural e tem propriedades e leis específicas que não podem ser encontradas nas formas naturais de pensamento e fala. Uma vez admitido o caráter histórico do pensamento verbal, devemos considerá-lo sujeito a todas as premissas do materialismo histórico, que são válidas para qualquer fenômeno histórico na sociedade humana… O problema do pensamento e da linguagem estende-se, portanto, para além dos limites da ciência natural e torna-se o problema central de psicologia humana histórica, isto é, da psicologia social. (VIGOTSKI, 1996, p. 44).

É a linguagem que leva à compreensão do indivíduo, juntamente com sua cultura, as regras sociais, as leis etc… A abordagem sócio-histórica leva em conta a interpretação dos fatos, buscando explicação para a consciência. A linguagem faz parte do processo de conhecimento e não só transmite, mas também cria, constitui conhecimento ou realidade. A forma, a maneira como um indivíduo fala é a mesma como o indivíduo representa aquilo que está falando. O meio é a mensagem, ou seja, a mensagem se traduz no meio, que nunca pode ser neutro, pois impõe um ponto de vista não só sobre o mundo ao qual a mensagem se refere, mas também em relação ao uso da mente a esse mundo (SIRGADO, 1990)

A linguagem é uma maneira de selecionar os pensamentos sobre as coisas. E o pensamento organiza a percepção e a ação; e estes refletem as ferramentas ou instrumentos disponíveis na cultura que serão utilizados na execução da ação. A linguagem é o meio no qual ocorre a transmissão da mente através da história. Essa transmissão é efetuada por sucessivas partilhas mentais que asseguram a transmissão de idéias dos mais capazes e avançados para os menos. Os produtos da linguagem como a alfabetização, a ciência, a literatura, vão desempenhar este papel de transmissão. Vygotsky vê a linguagem refletindo a vida do indivíduo na história e suas formas de uso (da narrativa e conto à álgebra e ao cálculo proporcional) refletem a história do ser humano (SIRGADO, 1990).

A formação de conceitos nas crianças

A aquisição da linguagem na criança passa pela formação de conceitos e o método para estudá-la experimentalmente envolve a

BASSI, Silvia Helena Ferreira Fortes. A evolução do pensamento e da linguagem segundo Vygotsky. *Mimesis*, Bauru, v. 24, n. 2, p. 71-87, 2003.

introdução de palavras sem sentido (palavras que em princípio não significam nada ao sujeito) e de conceitos artificiais, ligando cada palavra sem sentido a uma determinada combinação de atributos dos objetos para os quais não existe nenhum conceito ou palavras já prontos. Tal método considera que um conceito não é uma formação isolada, fossilizada e imutável, mas sim uma parte ativa do processo intelectual, sempre a serviço da comunicação, do entendimento e da solução de problemas. A base do método está nas condições funcionais da formação de conceitos (VIGOTSKI, 1996).

Vygotsky parte da análise dos trabalhos de Ach e Usnadze para estudar a formação de conceitos. Ach demonstrou que associações entre os símbolos verbais e os objetos, mesmo sendo sólidas e numerosas, não bastam para a formação de conceitos. Os experimentos mostraram que a formação de conceitos é um processo criativo; que um conceito surge e se configura no decorrer de uma operação complexa, voltada para a solução de algum problema; e que só a presença de condições externas favoráveis a uma ligação mecânica entre a palavra e o objeto não é suficiente para a criação de um conceito. O fator decisivo para a formação de conceitos é a tendência determinante, estabelecida pela imagem do objetivo. É a formação de conceitos um processo orientado para um objetivo; uma série de operações que guiam em direção a um objetivo final. Os estudos de Ach demonstraram que as crianças diferem dos adolescentes e dos adultos não pelo modo como compreendem o objetivo, mas sim pelo modo como suas mentes trabalham para alcançá-lo.

Usnadze mostrou que, na idade pré-escolar, uma criança aborda os problemas exatamente da mesma maneira que o adulto faz ao trabalhar com conceitos; porém, difere do adulto no modo de resolver os problemas. As crianças começariam cedo a utilizar palavras e estabelecer, com ajuda destas, uma compreensão mútua com os adultos e entre elas próprias, embora os conceitos completamente formados apareçam mais tarde. Esse autor conclui que as palavras exercem a função de conceitos e podem servir como meio de comunicação muito antes de atingir o nível de conceitos que é característico do pensamento totalmente desenvolvido.

A principal questão em relação ao processo de formação de conceitos; ou em relação a qualquer atividade que vise a um objetivo, é a questão dos meios pelos quais essa operação é realizada.

> Todas as funções psíquicas superiores são processos mediados e os signos constituem o meio básico para dominá-las e dirigi-las. O signo mediador é incorporado à sua estrutura como uma parte indispensável, na verdade parte central do processo como um todo. Na

formação de conceitos esse signo é a palavra, que em princípio tem o papel de meio na formação de um conceito e, posteriormente, torna-se o seu símbolo… (VIGOTSKI, 1996, p. 48).

Para estudar o processo de formação de conceitos em suas várias fases evolutivas, Vygotsky fez uso do método desenvolvido por um de seus colaboradores, Sakharov. O método de Sakharov apresenta dois conjuntos de estímulos ao sujeito observador: um como objetos de sua própria atividade, e outro como signos que podem servir para a organização de tal atividade. Aqui, o problema é apresentado ao sujeito logo de início e permanece o mesmo até o final; porém, as chaves para a solução são introduzidas aos poucos. Para Vygotsky, o processo gradual de introdução dos meios para solução dos problemas possibilita um estudo do processo total da formação de conceitos em todas as suas fases. As principais descobertas desses estudos são que o desenvolvimento dos processos que finalmente resultam na formação de conceitos começa na fase mais precoce da infância; entretanto, as funções intelectuais que formam a base psicológica do processo da formação de conceitos, amadurecem e desenvolvem na puberdade.

A formação de conceitos não é uma atividade simples, e sim, resultado de uma atividade complexa, da qual todas as funções intelectuais básicas participam. Nesse processo, tanto a associação, a atenção, a formação de imagens, a inferência como as tendências determinantes são indispensáveis, porém, sem o uso do signo, ou palavra, como meio através do qual conduzem-se as operações mentais, controlam-se o seu curso e as canalizam em direção à solução do problema que se enfrenta, nada disso traz significado; nada disso é suficiente. Portanto, aprender a conduzir os próprios processos mentais com a ajuda de palavras ou signos é uma parte integrante do processo de formação de conceitos.

É fato que as crianças aprendem muito cedo várias palavras que têm o mesmo significado não só para ela como também para os adultos. Essa compreensão mútua entre adultos e crianças cria a impressão de que o conceito é fornecido pronto desde o princípio e de que não ocorre nenhum desenvolvimento do mesmo. A aquisição, por parte da criança, da linguagem adulta vem explicar a consonância entre os complexos da criança e os conceitos dos adultos, ou seja, o surgimento de pseudocomplexos. O elo de ligação entre pensamento por complexos e pensamento por conceitos está no pseudoconceito que é dual, pois carrega a semente que fará germinar um conceito. Sendo assim, a comunicação verbal com os adultos torna-se um poderoso fator no desenvolvimento dos conceitos infantis.

BASSI, Silvia Helena Ferreira Fortes. A evolução do pensamento e da linguagem segundo Vygotsky. *Mimesis*, Bauru, v. 24, n. 2, p. 71-87, 2003.

O fundamento real do desenvolvimento lingüístico é o pensamento por complexos. Isso é comprovado pela história da linguagem.

Dentro de toda a trajetória que Vygotsky faz para estudar a questão da linguagem, existem dois fatores que são primordiais e nos quais centra a sua preocupação: pensamento e linguagem.

O pensamento e a palavra não são ligados por um elo primário. Ao longo da evolução do pensamento e da fala, tem início uma conexão entre ambos, que depois se modifica e se desenvolve. É certo que existem, no desenvolvimento da criança, um período pré-lingüístico e um período pré-intelectual da fala.

Como citamos, para estudar a relação linguagem e pensamento, Vygotsky faz uso do método de análise em unidades, no qual, a unidade do pensamento verbal é encontrada no significado das palavras.

O significado de uma palavra representa um amálgama muito estreito do pensamento e da linguagem, sendo difícil dizer se trata-se de um fenômeno da fala ou de um fenômeno do pensamento. Uma palavra sem significado é um som vazio; sendo então, o significado, um critério da "palavra"; seu componente indispensável. Do ponto de vista da psicologia, o significado de cada palavra é uma generalização ou um conceito. É fenômeno do pensamento na medida em que o mesmo ganha corpo por meio da fala e é um fenômeno da fala quando esta é ligada ao pensamento. É, mais do que tudo, um fenômeno do pensamento verbal, uma união da fala e do pensamento (VIGOTSKI, 1996)

Vygotsky conclui que o significado das palavras evolui. A partir das generalizações primitivas, o pensamento verbal eleva-se ao nível dos conceitos mais abstratos, alterando o conteúdo de uma palavra e também o modo pelo qual a realidade é generalizada e refletida em uma palavra. Os significados das palavras são formações dinâmicas; modificam-se à medida que a criança se desenvolve; e também de acordo com o funcionamento do pensamento.

A relação estabelecida entre pensamento e palavra é um processo contínuo, movimento sucessivo do pensamento para a palavra e vice-versa. Nesse processo ininterrupto, a relação entre pensamento e palavra vai transformando-se; o pensamento não é simplesmente expresso em palavras; mas é por meio delas que ele passa a existir. Cada pensamento visa a estabelecer uma relação entre objetos; movendo-se, amadurecendo-se, desenvolvendo-se e, até mesmo, solucionando um problema. O pensamento percorre planos diferentes antes de expressar-se por palavras. Nesta fase, surge a necessidade de se fazer uma distinção entre dois planos da fala; pois o aspecto da fala (semântico e significativo) e o exterior (fonético), mesmo formando uma unidade, têm suas próprias regras de movimento. A unidade da fala é complexa (VIGOTSKI, 1996).

Ao começar a ter domínio da fala exterior, a criança o faz através de uma palavra, depois passa a relacionar duas ou três palavras entre si; posteriormente, progride das frases simples para as mais complexas, chegando à fala coerente, constituída por uma série de frases. A criança segue da parte para o todo. Porém, semanticamente, ocorre ao contrário, a criança parte do todo, de um complexo significativo; só mais tarde é que começa a dominar as unidades semânticas separadas, os significados das palavras, dividindo assim seu pensamento. Portanto, os aspectos semântico e externo da fala seguem direções opostas em seu desenvolvimento, mas não são independentes entre si.

Vigotski (1996) refere que

> exatamente por surgir como um todo indistinto e amorfo, o pensamento da criança deve encontrar expressão em uma única palavra. À medida que o seu pensamento se torna mais diferenciado, a criança perde a capacidade de expressá-lo em uma única palavra, passando a formar um todo composto. Inversamente, o avanço da fala em direção ao todo diferenciado de uma frase auxilia o pensamento da criança a progredir de um todo homogêneo para partes bem definidas… A estrutura da fala não é um mero reflexo da estrutura do pensamento… O pensamento passa por muitas transformações até transformar-se em fala… (VIGOTSKI, 1996, p. 109).

A palavra não nasce sozinha, junto com ela existe a gramática, que é a sintaxe do significado das palavras. Esse fato leva a criança a precisar aprender a distinção entre semântica e fonética e compreender a natureza dessa diferença; uma vez que, em princípio, a criança faz uso de formas verbais e significados sem ter consciência de que ambos são coisas separadas. À medida que a criança cresce, a fusão dos planos semântico e vocal da fala começa a declinar.

Porém, existe o plano da fala interior, que se situa para além do plano semântico e é de suma importância para compreensão da relação entre pensamento e a palavra.

Vygotsky refere a dificuldade de se investigar a fala interior. Piaget foi o primeiro a perceber a fala egocêntrica da criança e a constatar a sua importância teórica; porém, segundo Vygotsky, ele não teria percebido a característica mais importante da fala egocêntrica, que é a sua relação genética com a fala interior. Vygotsky vê a fala egocêntrica como um estágio de desenvolvimento precedente à fala interior; pois diz que ambas possuem estruturas semelhantes, preenchem funções intelectuais; mas a fala egocêntrica começa a desaparecer na fase pré-escolar da criança enquanto a fala interior começa a tomar corpo. É através da fala egocêntrica que Vygotsky faz sua análise da fala interior.

BASSI, Silvia Helena Ferreira Fortes. A evolução do pensamento e da linguagem segundo Vygotsky. *Mimesis*, Bauru, v. 24, n. 2, p. 71-87, 2003.

Vygotsky toma o argumento de Piaget de que a fala egocêntrica da criança é uma expressão direta do egocentrismo de seu pensamento. Para Piaget, a fala egocêntrica da criança não entra em acordo com o pensamento adulto; o pensamento da criança permanece totalmente egocêntrico, dificultando a compreensão de outras pessoas em relação à sua conversa e, na idade escolar, a fala egocêntrica cairia a zero, desaparecendo juntamente com o egocentrismo da criança.

Vygotsky defende que a fala egocêntrica é um fenômeno de transição das funções interpsíquicas para as intrapsíquicas; ou melhor, da atividade social e coletiva da criança para uma atividade mais individual. A função da fala egocêntrica é semelhante à fala interior; porém o seu destino é diferente do qual lhe deu Piaget. Aqui a fala egocêntrica desenvolve-se ascendentemente; segue uma evolução e transforma-se em fala interior. Quando a vocalização da fala egocêntrica começa a declinar, dá-se o desenvolvimento de uma abstração do som, aquisição de uma nova capacidade, a de pensar as palavras, sem pronunciá-las, indo assim, em direção à fala interior. A fala egocêntrica origina-se da individualização insuficiente da fala social primária e, quando atinge o seu ponto culminante, desenvolve-se no sentido da fala interior.

As observações de Vygotsky mostraram que à medida que a fala egocêntrica se desenvolve, surge uma tendência para a predicação, que é a forma natural da fala interior; que, psicologicamente, é constituída apenas por predicados. A fala interior opera com a semântica; nela, o predomínio do sentido sobre o significado, da frase sobre a palavra e do contexto sobre a frase é uma regra. Na fala interior, as palavras "morrem" à medida que originam o pensamento.

O desenvolvimento do pensamento verbal tem o seguinte caminho: do motivo que gera um pensamento à configuração do pensamento, primeiro na fala interior, depois nos significados das palavras, chegando nas palavras. A relação entre pensamento e a palavra é um processo vivo; o pensamento nasce através das palavras.

O pensamento e a linguagem são a chave para a compreensão da natureza da consciência humana; as palavras têm papel central no desenvolvimento do pensamento e na evolução histórica da consciência como um todo (VYGOTSKY, 1996).

A linguagem, o meio através do qual a reflexão e a elaboração da experiência ocorre, é um processo extremamente pessoal e também profundamente social. É o comportamento, que se utiliza de signos, mais importante no desenvolvimento da criança; pois é através da fala que a criança supera as limitações impostas pelo seu ambiente; prepara-se para a atividade futura; planeja; ordena e controla não só o seu comportamento, como também o comportamento

dos outros. Através da fala, ela consegue explorar o mundo, adquirir conhecimentos e transmiti-los; e, o mais importante, é que a fala permite a sobrevivência.

Considerações finais

Sabemos que existem outras tantas abordagens que tratam da aquisição e desenvolvimento da linguagem que também trazem suas contribuições significativas ao tema estudado; porém, no presente trabalho, nos limitamos ao estudo da abordagem de Vygotsky porque nos desperta maior interesse. Pensamos que esta abordagem é extremamente rica e talvez até possamos afirmar que seja completa, uma vez que faz uma investigação histórica do tema em questão, aborda inúmeras questões, faz um estudo genético e funcional do pensamento e da linguagem, chegando à conclusão de que pensamento e linguagem são a principal fonte da consciência humana e que um depende do outro.

O universo lingüístico é extremamente complexo e apresenta aspectos ainda desconhecidos; porém, a abordagem de Vygotsky expõe uma gama de experimentos, de conhecimentos que levam a desvendar muitos mistérios em relação à linguagem.

Sendo o homem o único ser que possui a capacidade de falar e, para isto, criou um sistema de produção de sons, regras e até exceções, sabemos que há séculos questiona-se tal fato.

As perguntas: como é que a criança aprende a falar? Sua habilidade para fala é inata, ou exige modelos? etc.; há muito são escutadas não só no meio acadêmico, como também no cotidiano. Achamos que Vygotsky, através de seus estudos e de sua abordagem sócio-histórica, consegue preencher muitas lacunas existentes em relação a essas questões sobre o desenvolvimento da linguagem.

Abstract

This article shows the Vygotsky's approach about the relationship between language and thought. He develops the importance of this relation to the development and learning and focus on the inner talk. His approach makes a historical investigation about the thought and the language, concluding that the thought and the language are the principal source of the human consciousness.

Key words: language; thought; pre-school; learning; development

BASSI, Silvia Helena Ferreira Fortes. A evolução do pensamento e da linguagem segundo Vygotsky. *Mimesis*, Bauru, v. 24, n. 2, p. 71-87, 2003.

BASSI, Silvia Helena Ferreira Fortes. A evolução do pensamento e da linguagem segundo Vygotsky. *Mimesis*, Bauru, v. 24, n. 2, p. 71-87, 2003.

Bibliografia

LURIA, et al. *Psicologia e Pedagogia I:* bases psicológicas da aprendizagem e do desenvolvimento. Lisboa: Editorial Stampa, 1991.

SIRGADO, A. P. A corrente sócio-histórica da psicologia: fundamentos epistemológicos e perspectivas educacionais. *Em Aberto*, Brasília, ano 9, n. 48, p. 61-67, 1990.

VIGOTSKI, L. S. et al. *Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem.* São Paulo: Ícone; Edusp, 1992.

VIGOTSKI, L. S. *Pensamento e Linguagem*, São Paulo: Martins Fontes, 1996.

VIGOTSKI, L.S. *A Formação Social da Mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.